

A APROPRIAÇÃO DE DISCURSOS CIENTÍFICOS E RELIGIOSOS PARA A PRODUÇÃO DE VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO DA DIVERSIDADE SEXUAL NAS MÍDIAS SOCIAIS

Tamires Tolomeotti Pereira
Universidade Federal do Paraná

Jamil Cabral Sierra
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Com base em aportes pós-estruturalistas, em especial, as noções foucaultianas de poder, discurso e dispositivo da sexualidade, bem como nos estudos de gênero, destacando-se os conceitos de performatividade e matriz heterossexual, de Judith Butler, o objetivo deste trabalho é investigar como os discursos científicos e religiosos têm sido apropriados nas mídias sociais para a produção de violência e exclusão da população LGBT, ou LGBTfobia. A partir de uma análise discursiva foucaultiana de artigos científicos/biológicos que produziram sentidos para a homossexualidade e que, agora, estão sendo reiterados e agregados a discursos religiosos nas mídias sociais de figuras influentes no cenário fundamentalista brasileiro, como o pastor Silas Malafaia, o pastor e deputado Marco Feliciano e a psicóloga Marisa Lobo, queremos discutir a seguinte questão: a partir de que redes de saber e poder os discursos contemporâneos que espriam ódio e violência contra as pessoas LGBT se articulam com narrativas que, historicamente, construíram a homossexualidade ora como disseminadora de DST/Aids, ora como um destino genético, ora como um desvio comportamental?

Palavras-chave: Discurso biológico; Discurso religioso; Mídia; LGBTfobia.

INTRODUÇÃO

O que faz emergir esse texto são questões pensadas durante a minha graduação em ciências biológicas ou, como prefiro dizer, em outros modos de

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



pensar essa mesma formação quando o assunto é corpo, gênero e sexualidade. Refiro-me à noções particulares de entender essas categorias, dos discursos que fazem de um corpo algo mutilado em células, órgãos e sistemas - um corpo máquina; que nos dizem: anatomia é o destino. Que também nos ensinam que há uma lógica natural entre sexo-gênero-desejo e que há um corpo universal: branco, masculino e heterossexual.

As problematizações que tenho feito, desde então, são permeadas pelos estudos foucaultianos e de gênero de vertente pós-estruturalista. É evidente, pois, que não sobraria pedra sobre pedra (ainda bem!). Como poderia falar sobre esse corpo que expõe até mesmo uma incoerência para com essa voz que vos fala? Começo a pensar a (i)materialidade das desviadas e dos desviados que, como eu, assim o são por terem sofrido o desvio de alguma coisa que se ousa dizer “normal” - insistência do eu-assim chamada-lesbiana.

O presente trabalho se inscreve em problematizações de uma dissertação, em andamento, em que nos¹ interessa pensar uma genealogia dos discursos de ódio voltados à população LGBT nas mídias sociais. Norteado pelas noções foucaultianas de poder, discurso e dispositivo da sexualidade, bem como nos estudos de gênero de vertente pós-estruturalista, destacando-se os conceitos de performatividade e matriz heterossexual, de Judith Butler, este trabalho quer pensar como esses discursos de ódio têm sido constituídos (ao mesmo que instituem verdades) pela apropriação de discursos científicos/biológicos e religiosos.

Num primeiro momento, faremos uma breve discussão sobre a incursão dos corpos e subjetividades LGBT nas ciências biológicas, considerando que esses saberes foram/são articulados com os saberes médicos e psiquiátricos. Sabemos não ser possível esgotar os textos que compõem esse campo de estudos e que qualquer tentativa nesse sentido não nos traria uma totalidade dos fatos, tampouco nos levaria à alguma verdade absoluta. Antes, entendemos que os conhecimentos científicos produzidos sobre a homossexualidade estão situados em contingências

¹O presente trabalho está sendo orientado pelo Prof. Jamil Cabral Sierra, que aqui também assume co-autoria.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



históricas, políticas, econômicas, etc., e imersos em conflitos e disputas de saber e poder.

Vale dizer que esses discursos produziram noções a respeito da homossexualidade que, em última instância, para além de uma etiologia, causaram estigmas que ainda persistem à população LGBT, como o caso dos estudos que, nas décadas de 1980 e 1990, relacionaram a homossexualidade a propagação do HIV, por exemplo. Aqui, cabe perguntar: o que pode uma pesquisa que relaciona a homossexualidade aos genes? O que pode uma pesquisa que diz ser a população LGBT responsável pela propagação de DST/Aids? E uma pesquisa que diz ser a homossexualidade um desvio comportamental?

Essa última questão, por exemplo, abriu precedentes para teorias de reorientação sexual que dizem “curar” a homossexualidade, incendiadas, recentemente, por organizações fundamentalistas, como algumas igrejas neopentecostais, que aglutinam a essas discursividades, elementos de discursos religiosos que operam nessa mesma lógica, como o exemplo de dois *tweets* do pastor Silas Malafaia: “Masculino e feminino possuem diferenças genéticas, biológicas, anatômica. O resto é conversa fiada de libertinos q querem destruir a família”²; “A bíblia tem mais de 30 mil textos, nenhum apóia o homossexualismo. Vários condenam a prática. Jesus fala q casamento é entre homem e mulher.”³

No contexto das mídias sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, sob a égide da “liberdade de expressão”, esses discursos têm sido apropriados e distorcidos por figuras influentes na política brasileira como o pastor Silas Malafaia, o pastor e deputado Marco Feliciano e a psicóloga Marisa Lobo⁴, que movimentam uma grande massa de seguidores e somam força ao cenário conservador e fundamentalista que vivenciamos no país, a fim de incitar o ódio, a violência e a exclusão da população

² MALAFIA, Silas. 05 ago. 2016. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

³ MALAFIA, Silas. 08 set. 2015. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

⁴ Os perfis citados podem ser acessados no site <https://twitter.com/> nas contas @marcofeliciano, @PastorMalafaia, @marisa_lobo.

Realização:

Apoio:



LGBT, ou LGBTfobia⁵, caracterizada não só pelo medo, estigma, aversão e proibição da homossexualidade, mas também das sexualidades e práticas sexuais que possam perturbar a ordem 'natural' dos sexos e dos gêneros, além da ordem social, política, ética e moral da sociedade (FONE, 2000, p.17).

Diante do exposto, objetivamos investigar como os discursos científicos e religiosos têm sido apropriados nas mídias sociais para a produção de LGBTfobia? Propomos uma análise discursiva foucaultiana de artigos científicos/biológicos que produziram sentidos para a homossexualidade em uma determinada época e que, na contemporaneidade, estão sendo reiterados e agregados à discursos religiosos nas mídias sociais de figuras influentes no cenário fundamentalista que vivenciamos no país, para discutir: a partir de que redes de saber e poder os discursos contemporâneos que espriam ódio e violência contra as pessoas LGBT se articulam com narrativas que, historicamente, construíram a homossexualidade ora como disseminadora de DST/Aids, ora como um destino genético, ora como um desvio comportamental?

UMA CIÊNCIA PARA A DIVERSIDADE

No contexto em que propomos as discussões, parece haver um movimento que consiste na apropriação dos discursos genéticos para, em seguida, negá-los em prol de pressupostos que posicionam a homossexualidade como um desvio comportamental. 'O que é inato, inscrito nos genes, não pode ser mudado, mas, o que é entendido como estritamente comportamental, pode e deve ser corrigido' - concluem fundamentalistas num esforço para validar terapias de reorientação sexual.

⁵ A sigla LGBT se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais. O termo LGBTfobia é usado, nesta pesquisa, para abarcar a fobia às sexualidades dissidentes, uma alternativa ao termo guardachuva 'homofobia' que diz respeito, especificamente, a fobia à homossexualidade.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



O pastor Silas Malafaia recebeu grande destaque na mídia⁶ ao defender a ideia de que “ninguém nasce gay”, citando artigos científicos para corroborar suas ideias. Entretanto, longe de estar se posicionando contra determinismos genéticos, o pastor parece se apropriar dos estudos de forma errônea e enviesada, uma vez que têm se tornado consensual entre estudos da área que não é possível determinar se a homossexualidade é inata. Antes, fala-se de uma ‘contribuição dos genes’ para a orientação sexual, que dependeria também de influências ambientais, culturais, e de uma história de vida do sujeito.

Portanto, segundo as interpretações do pastor, estaríamos mais perto dos estudos genéticos deterministas, que receberam notoriedade nos séculos XIX e XX, como os estudos que dizem ser a homossexualidade uma doença congênita resultante de alguma anormalidade genética e, que poderia estar associada a problemas mentais familiares (NAPHY, 2006, p. 221).

Cientes disso, destacamos dois artigos que ilustram premissas essenciais para pensarmos em uma mudança de retórica – de determinista para menos determinista: a) em “*Studies on the genetical determination of homosexuality*”, de 1940, conclui-se que muitos casos de homossexualidade são hereditariamente determinados e; b) em “*Electroencephalographic and neurologic studies of homosexuals*”, de 1945, sugere-se que uma “anormalidade” do sistema nervoso central, hereditária ou adquirida precocemente, desempenharia um papel contributivo para o desenvolvimento da homossexualidade.

No primeiro estudo, a hipótese central perfaz um universo discursivo de meados do século XIX, que ora posicionaram o homossexual como um hermafrodita, ora como um terceiro sexo, ou *urning*⁷. Haveria, então, dois padrões possíveis para explicar a homossexualidade em homens: homens homossexuais poderiam ser machos mais ou menos feminizados, ou verdadeiros intersexos (*real male sex*

⁶ Referência à entrevista de Silas Malafaia com Marília Gabriela. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Myb0yUHdi14>>. Acesso em março/2017.

⁷ Acreditava-se que os embriões poderiam se dividir em três sexos: masculino, feminino e *urning*. Esse último grupo com as características físicas de um dos gêneros mas com instintos sexuais que não correspondiam aos seus órgãos sexuais (SPENCER, 1999).

Realização:



Apoio:



intergrades), com características sexuais morfológicas masculinas, mas com padrão cromossômico sexual feminino (XX). Os sujeitos analisados foram fornecidos pela polícia, ao que parece, sob o Parágrafo 175⁸. Assim, em 1934, a polícia de Munique/Alemanha deu os nomes e endereços de cerca de 1.700 homens homossexuais, seguidos de mais 2.500 indivíduos, acrescentados pela polícia de Hamburgo/Alemanha, em 1937. Ao total, o pesquisador dispunha de 4.200 homossexuais para o estudo.

No segundo artigo, variantes ditas patológicas, ou, *borderline*, foram encontradas em pelo menos 75% dos 55 dos sujeitos estudados, o que mostraria que a homossexualidade estaria relacionada não só aos genes, mas, também, a anormalidades cerebrais. Em busca de sujeitos ‘verdadeiramente homossexuais’, o critério principal de seleção foi baseado no ‘papel’ que os indivíduos desempenhavam durante o ‘ato homossexual’, de forma que foram selecionados apenas aqueles que assumiram desempenhar um ‘papel feminino’ durante as relações sexuais. Os indivíduos escolhidos perfazem uma população encarcerada de um centro médico para prisioneiros federais.

Uma breve leitura desses artigos nos permite menos um questionamento da veracidade ou da acuracidade dos resultados obtidos, do que situá-los em algumas contingências históricas. Podemos alinhar esses estudos a um conjunto de práticas estabelecidas por uma *scientia sexualis*, ou ciência da sexualidade que tratou de produzir a verdade do sexo; especificar as sexualidades desviantes, torná-las o princípio de classificação e inteligibilidade dos indivíduos; atribuir uma realidade analítica à elas e encravá-las nos corpos (FOUCAULT, 2014).

Se os sodomitas eram sujeitos jurídicos de um ato interdito, a/o homossexual, a partir do século XIX, tornaria-se uma espécie, uma “[...] personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; [...] com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa.” (FOUCAULT, 2014. p. 47-48). Trata-se de uma ciência que se ocupou de dizer da verdade do sexo e, que faria da

⁸ O parágrafo 175 foi uma medida do Código Criminal Germânico que criminalizava a homossexualidade. Esteve em vigor de 15 de maio de 1871 a 11 de junho de 1994.

Realização:

Apoio:



confissão, a principal forma de extração dessa verdade.

Destarte, encontramos no segundo artigo procedimentos de confissão nos esquemas dessa regularidade científica:

Caso I: Homossexual com personalidade relativamente saudável. Um homem de 26 anos foi admitido no Centro Médico para Prisioneiros Federais em agosto de 1942 devido à sua evidente homossexualidade.

[...]

O paciente é descrito por seus parentes como tendo sido uma criança bem-comportada com uma boa disposição. [...] Seus principais interesses parecem ter sido costurar, tricotar e cuidar da casa. [...] Envolveu-se em muita atividade homossexual entre os 14 e 17 anos, principalmente com um amigo a quem ele esteve intimamente ligado. Seu comportamento homossexual manifesto começou com a masturbação mútua e progrediu para felação e sodomia. O papel feminino na felação parece satisfazer seus desejos sexuais mais do que qualquer outra forma de atividade e ele descreve claramente sensações sexuais definidas na boca e na garganta. Ele afirma que parou com toda a atividade homossexual aos 17 anos e foi capaz de abster-se a partir daí, até ser introduzido no exército, onde, em parte sob a influência do álcool, retomou-a em grande escala até ser julgado pela corte marcial e enviado para a prisão.

[...]

Ele é bastante efeminado em maneira e gosto, mas, masculino [...]. Sua idade mental é de 16 anos, 11 meses. (SILVERMAN; ROSANOFF, 1945, p.317-318, tradução nossa)

Os achados nesses artigos ilustram um período marcado por ações punitivas e novas formas de controle social (SPENCER, 1999), impulsionadas por uma ciência que, em “[...]nome de uma urgência biológica e histórica, justificava os racismos oficiais, então iminentes. E os fundamentava como verdade.” (FOUCAULT, 2014, p.60). Não distante, noções eugenistas do século XX embasariam práticas de castração, de terapias hormonais, de transplantes testiculares, etc., quando a despeito de concepções genéticas deterministas, quando estudos que pautavam uma etiologia endocrinológica para a homossexualidade entraram em voga (GREEN, 1999).

É nesse ponto que gostaríamos de ampliar nossas discussões, no sentido de

REALIZAÇÃO



APOIO



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



que pensar uma cura para a homossexualidade significa negar que a homossexualidade não é exatamente inata, como ora se acreditava. Nessa prerrogativa, os movimentos fundamentalistas têm se ancorado, expondo as falhas essencialistas e as explorando a fim de legitimar a suposição de que a homossexualidade é um desvio comportamental que pode ser tratado.

Artigos científicos estão sendo apropriados para validar as terapias de reorientação sexual, como a pesquisa de Robert L. Spitzer, intitulada “Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 Participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation”, de 2003, realizada com 200 homossexuais que haviam passado por processos terapêuticos de reorientação sexual. A conclusão é que grande parte das/os participantes mudaram sua orientação sexual, de homossexuais para heterossexuais.

A narrativa se complica ao passo em que, além de artigos científicos, apropriam-se, seletivamente, teorias psicologizantes que justificariam a homossexualidade, como: abuso sexual na infância; mães dominadoras e pais ausentes; etc. (NATIVIDADE, 2006). Apesar de uma concepção essencialista,

O homossexual é portador de sintomas de uma psique enferma. Homossexuais são dados à depressão e ao suicídio, são instáveis, inseguros e imaturos. Enfatiza-se uma representação patologizada das práticas homossexuais, articulada em torno das concepções de vício, compulsão e transtornos mentais. (NATIVIDADE, 2006, p. 119).

Para além dessas noções, as justificativas de reorientação sexual, englobam relações de doença e causalidade à homossexualidade, como o caso da transmissão de DST/Aids. Em “*The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic*”, de 1994, é afirmado que embora o sexo homossexual tenha sido caracterizado como ‘normal’ e ‘saudável’, homossexuais e usuários de drogas são afetados desproporcionalmente pela Aids. A longevidade dos homossexuais teria sido reduzida pela epidemia da Aids, o que compravaria que o status saudável da homossexualidade deveria ser colocado em xeque.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Um dos responsáveis por esse estudo, Paul Cameron, numa conferência, em 2007, afirmou que “[...] dada a expectativa de vida bastante reduzida para os homossexuais, as crianças nas escolas deveriam ser muito bem e constantemente advertidas sobre os perigos da homossexualidade mais ainda do que o cigarro”⁹, uma vez que o cigarro reduziria a expectativa de vida em até 7 anos, enquanto a homossexualidade, até 25 anos. Seus estudos têm sido amplamente referenciados por fundamentalistas¹⁰ quando se trata de elencar à homossexualidade perigos e riscos à sociedade.

Esses dizeres, aliados à interpretações de dados mais recentes, como os da Organização Mundial de Saúde (OMS), como a afirmação de que o risco de prevalência de HIV em homens que fazem sexo com homens é em média 13 vezes maior do que na população geral¹¹, deflagram, novamente, práticas ligadas ao dispositivo da aids e à repatologização das sexualidades dissidentes¹².

UMA RELIGIÃO PARA A DIVERSIDADE

Num primeiro momento, tensionamos nossas discussões pensando os efeitos das práticas científicas/biológicas que relegaram as sexualidades dissidentes ao âmbito do excêntrico, do evitável e do prevenível em discursos que situaram a homossexualidade ora como genética, ora como um desvio de comportamento, ora

⁹ O discurso foi proferido na *Eastern Psychological Assn Convention*, na Filadelfia em 23/03/2007. Na íntegra: < <https://www.samesexmarriage.ca/docs/Cameron.pdf> >. Acesso em março de 2017.

¹⁰ Ver: “Nascido gay? Existem evidências científicas para a homossexualidade?” De John S. H. Tay, editora Central Gospel, 2011.

¹¹ Ver: “HIV prevention, diagnosis, treatment and care for key populations”. World Health Organization, 2014.

¹² “[...]um dispositivo é um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, filantrópicas e morais (Foucault, 2000:138), ou seja, trata-se de uma trama formada por vários discursos e práticas que se materializam em saberes e poderes. O dispositivo raramente proíbe ou nega, antes controla e produz verdades moldando subjetividades. No caso da aids, são subjetividades marcadas pela culpa e pela impureza, sintetizadas nos seus desejos tomados como ameaçadores da ordem social.” (PELUCIO; MISKOLCI, 2009, p. 130).

Realização:



Apoio:



como propagadora de DST/Aids. Propomos, agora, pensar a apropriação desses mesmos discursos nas mídias sociais de figuras influentes do cenário fundamentalista brasileiro atual, como o pastor Silas Malafaia, o deputado e pastor Marco Feliciano e a psicóloga Marisa Lobo, deslocando alguns enunciados presentes em seus perfis no *Twitter*: a) “NÃO ADIANTA XINGAR, verdade absoluta, não existe natureza homossexual, o homossexualismo é um vício contra a natureza.”¹³, de Silas Malafaia; b) “[...] Ditadura gay nós temos a nosso favor a biologia [...]”¹⁴, de Marisa Lobo; c) “O @PastorMalafaia desconstruiu o mito de q gay nasce gay. A @marisa_lobo atordoou a todos c + de 12 fotos de ex-gays e hj pais da família.”¹⁵, e; d) OMS afirma que gays tem 19 vezes mais chance de contrair o HIV do que a população em geral. [...]”¹⁶, ambos de Marco Feliciano.

Vincula-se à homossexualidade uma concepção de vício, anti-natureza, atrelada a uma anormalidade ou doença - como o próprio sufixo ISMO de homossexualismo indica, pela negação de uma etiologia genética da homossexualidade, baseada na falta de evidências de uma ‘natureza homossexual’. Por suposto, haveria uma natureza heterossexual. Mas o que ela significaria? Certamente, não seria expressa por um ‘gene heterossexual’ mas, antes, uma referência de normalidade ancorada em discursos científicos/biológicos, assentados em bases naturalizadas sobre o gênero, e regulados a partir de uma matriz heterossexual, que “não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (BUTLER, 2003, p.45). Essa suposta coerência, entre sexo-gênero-desejo, impõe uma ordem binária universal, atemporal e violenta aos corpos, e institui a heterossexualidade como a única possibilidade inteligível de viver e

¹³ MALAFAIA, Silas. 24 nov. 2015. *Twitter*: @PastorMalafaia. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁴ LOBO, Marisa. 03 jun. 2013. *Twitter*: @marisa_lobo. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁵ FELICIANO, Marco. 28 nov. 2012. *Twitter*: @marcofeliciano. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁶ FELICIANO, Marco. 12 jul. 2014. *Twitter*: @marcofeliciano. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

Realização:



Apoio:



manifestar a sexualidade.

A existência de “ex-gays” é um *trunfo* que corroboraria a afirmativa de uma natureza heterossexual e provaria que as terapias de reorientação sexual funcionariam, desconsiderando-se os efeitos colaterais, pós-terapêuticos, amplamente alertados, como o risco aumentado de depressão, suicídio, ansiedade, etc. (APA, 2009).

Agregados à essas redes discursivas, estão elementos discursivos religiosos, no intuito de gerar medo e atribuir causalidades à população LGBT, também, quando posicionam a homossexualidade como uma ameaça à ‘família tradicional’ (nuclear, composta por marido/mulher/filhas-os, entendida como o único arranjo familiar legítimo) e à sociedade, como pode ser notado em: e) “A bíblia tem mais de 30 mil textos, nenhum apóia o homossexualismo. Vários condenam a prática. Jesus fala q casamento é entre homem e mulher”¹⁷; de Silas Malafaia; f) “A civilização humana tem sido sustentada pela família nuclear, mulher e seus filhos. O resto é arranjo de uma sociedade perdida.”¹⁸; de Silas Malafaia e; g) “[.]Je assim fazer com qualquer pessoa q discorde de suas praticas. Que Deus nos guarde. Ñ sou contra gays, sou defensor da família natural”¹⁹, de Marco Feliciano.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Há mais de um século a ciência se debruça sobre uma etiologia da homossexualidade. Falta ou excesso de neurotransmissor; stress materno que geraria filhos pouco viris ou filhas viris demais; reincidência do nascimento de filhos do mesmo sexo; saco vitelino compartilhado; um padrão de metilação diferenciado

¹⁷ MALAFAIA, Silas. 08 set. 2015. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁸ MALAFAIA, Silas. 14 ago. 2016. Twitter: @PastorMalafaia. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁹ FELICIANO, Marco. 09 ago. 2016. Twitter: @marcofeliciano. Disponível em: <http://twitter.com>. Acesso em: 22 out. 2016.

Realização:



Apoio:



numa região específica do cromossomo X; comportamento mantido ao longo da evolução.

Um suposto alívio para a carga de violência física, emocional e simbólica, pelo viés da ‘naturalização’, parece ter perdido um pouco de seu brilho no meio científico das últimas décadas. Agora é a vez de supor que as interações gênicas trabalham com a influência do ambiente, e este último corre o risco de prevalecer às predeterminações biológicas. Seria, então, a homossexualidade comportamental?

Perguntar pelas origens é sempre perigoso, e elas não importam aqui. Afinal, quando se determina o quê procurar e a origem daquilo que se procura, a ideia de um desvio da normalidade já está estabelecido. Antes, deslocamos breves argumentos – que supõem uma etiologia ou causalidade para a homossexualidade, no intuito de pensar os efeitos desses enunciados na contemporaneidade, no contexto das mídias sociais.

Se existem estudos/artigos que se propunham a ‘analisar’ a homossexualidade, não podemos olhar se não com desconfiança para uma “suposta” neutralidade científica. Afinal, persistem, nesses estudos, noções patologizantes, de anormalidade e desvio, que evidenciam uma vontade de verdade sobre o sexo que não se cansa de descobrir e (re)inventar a homossexualidade.

Em nome da natureza, da moral e dos bons costumes, o fundamentalismo têm encontrado subterfúgios nos discursos científicos/biológicos a fim de legitimar a LGBTfobia e, até mesmo, terapias de reorientação sexual a fim de curar a homossexualidade. Destacamos que se esses discursos de ódio se alojam nos discursos científicos/biológicos e nos saberes psicomédicos, é porque estes

constituem um campo discursivo privilegiado no processo de significação epistêmica do corpo, do gênero e da sexualidade, bem como dos processos substantivos de disciplinamento e controle que englobam esses corpos na vida cotidiana, nas culturas ocidentais modernas. (MEYER, 2012, p.53)

Não se trata apenas da distorção de saberes formulados sob o crivo

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



científico, mas de extrair potência nesses discursos, e somar força aos discursos conservadores e fundamentalistas.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION (APA). *Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation*. (2009). Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation. Disponível em: <<http://www.apa.org/pi/lgb/publications/therapeutic-resp.html>>. Acesso em março 2017.

BUTLER, Judith. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CAMERON, Paul; PLAYFAIR, William L.; WELLUM, Stephen. (1994). The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic. *OMEGA - Journal of Death and Dying*. v. 29.p. 249 – 272.

FONE, Byrne. (2008). *Homofobia: Uma historia*. Tradução de Daniel Rey. México: Océano.

FOUCAULT, Michel. (1988). *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.

GREEN, Jaes. (1999). *Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora Unesp.

LANG, Theo. (1940). Studies on the genetic determination of homosexuality. *Journal of Nervous & Mental Diseases*. v.92. p. 55-64.

MEYER, Dagmar Estermann. (2012). Abordagem pósestruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: Meyer, D. E. & Paraíso, M. A. *Metodologias de Pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

NAPHY, William. (2006). *Born to be gay*. História da homossexualidade. Lisboa: 70.

NATIVIDADE, Marcelo. (2006). Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 21. n. 61.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação





PELUCIO, Larissa; MISKOLCI, Rrichard. (2009). *Sexualidad, Salud y Sociedad*. n. 1. p.125-157.

SILVERMAN, Daniel; ROSANOFF, William R. (1945). Electroencephalographic and neurologic studies of homosexuals. *The Journal of Nervous and Mental Disease*. v. 101. n 4.

SPENCER, Colin. (1999). *Homossexualidade*. Uma historia. Tradução de Rubem Muro Machado. Rio de Janeiro: Record, p.420.

THE APPROPRIATION OF SCIENTIFIC AND RELIGIOUS DISCOURSES FOR THE PRODUCTION OF VIOLENCE AND EXCLUSION OF THE LGBT POPULATION IN SOCIAL MEDIA

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



ABSTRACT

Based on post-structuralist contributions, in particular, Foucault's notions of power, discourse and dispositif of sexuality, as well as in gender studies, highlighting the concepts of performativity and heterosexual matrix, by Judith Butler, the purpose of this work is investigate how scientific and religious discourses have been appropriated in social media for the production of violence and exclusion of the LGBT population, or LGBTphobia. From a Foucauldian discourse analysis of scientific/biological articles that have produced meanings for homosexuality and which are now being reiterated and added to religious discourses in the social media of influential figures in the Brazilian fundamentalist scenario, such as pastor Silas Malafaia, the pastor and deputy Marco Feliciano and the psychologist Marisa Lobo, we want to discuss the following question: from which networks of knowledge and power do the contemporary discourses that spread hate and violence against LGBT people are articulated with narratives that historically have built homosexuality as the disseminator of STD/Aids, as a genetic destiny, or as a behavioral deviation?

Key-words: Biological discourse; Religious discourse; Media; LGBTphobia.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação

